

AVÔA

Ronaldo Fernandes

Um livro de memórias que desaguam em poemas

em memória de minha avó, Dona Vôa

os capítulos trazem as várias faces do autor
nos momentos em que cada uma delas “nasce”
“brota”

um vôo muitas vezes solitário.

UM HOMEM

“No tempo em que festejavam o dia dos meus anos. Eu era feliz e ninguém estava morto [...] eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma e de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.”

FERNANDO PESSOA

“Oxi menino, para de mais, mais, quando eu vim embora, você já tinha três anos. Era um homem. Já estava criado. Eu vim procurar as minhas melhoras.” Minha mãe me disse isso, num almoço de domingo. Eu tinha trinta e sete anos de idade. Havia ficado quatorze anos sem saber notícias dela. Fazia vinte anos que eu a reencontrei. Ela não sabia que quando eu completei três anos de idade, eu passei por uma experiência traumatizante: o assassinato das minhas emoções primeiras que se deu com a partida dela. A minha mãe simplesmente sumiu. E a razão não foi morte. Ela só partiu, desapareceu, veio procurar as suas melhoras. Sentindo-me só no mundo e tendo que ser forte, não me foi permitido viver as descobertas da infância, no tempo da infância. Fui prematuramente arremessado no mundo das adultas responsabilidades, afinal, eu com apenas três anos de idade fui considerado um homenzinho. Este fato terrível me levou a um estado permanente de fúria que eu disfarço com uma timidez crônica que ao longo dos anos virou um fazer rir sem parar. Virei um cínico. Mas eu não gosto do cinismo e vivo procurando terapias que me curem. Mas até agora nada...

ABANDONO

Tem dias que a solidão é como febre,
Vem devagar e esquenta tudo e, não tem profilaxia.
Há dias que a solidão é convulsiva,
Vem como overdose e corrói tudo e, não há cura.
Alguns dias a solidão é cálida,
Vem como um beijo que mata e, não tem remédio.
Existem dias a solidão contamina,
Vem como um vírus e penetra e, não há bálsamo.
Em outros dias a solidão não é suportável,
Vem como paixão e arrebeta e, não há solução.
Surtem dias que a solidão é venal,
Vem com dor e dilata e, não adianta chorar.

Agora tem dias... Há dias... Existem dias...
Que a minha a solidão é como névoa,
E vem devagar com a brisa,
E lembra um rio que corre só para o mar,
E dessa vez sim: é um eterno se abandonar.

POEMA DO ANO NOVO

Lá vem novamente aquele desejado ano novo:
Cabe perguntar se tudo é círculo, como dentro de um ovo?
Se tudo começa ou recomeçará para o povo?
Mas nada está ou estará como antes: eu revolvo!
Lá vem novamente aquele esperado ano novo:
Cabe indagar se me permitirei machucar com o estrovo?
Se tudo inicia ou iniciará à proteção do meu covov?
Mas nada fica ou ficará como antes: eu resolvo!
Lá vem novamente aquele arejado ano novo:
Cabe questionar se agora se realizará o sonho do povo?
Se rompe ou irromperá a casca do ovo?
Mas tudo move ou moverá do de dantes: eu revolvo!
Lá vem novamente aquele renovado ano novo:
Cabe interpelar se é forte o meu covov?
Se quebra ou quebrará todo o estrovo?
Mas tudo muda ou mudará do de dantes: eu resolvo!

SUPERNOVA

Um dia fui um amontoado enciclopédico.
Uma informação jogada fora.
Perdida mesmo!
Sinestésico.
Um ano fui um cometa em explosão
Meteoros rodando pelo espaço.
Rodando rápido!
Negação.
Já vivi como um terremoto destruidor.
Crateras foram se abrindo na minha pele.

Abrindo profundamente.
Mediador.
Fui também uma velha rabugenta.
Palavras brotam da minha língua.
Ferinas e mortíferas.
Lamacentas.
Hoje...
Não mais...
Amontoado enciclopédico.
Cometa em explosão.
Terremoto destruidor.
Velha rabugenta.
Mas...
Ainda...
Sinestésico.
Negação.
Mediador.
Lamacenta.
Agora...
Me diga...
Você me conhece?

VITÓRIA

O emparedamento das minhas emoções,
Resultaram no óbito dos meus desejos.
Mas é no choro que se mistura ao café que bebo,
Que me aqueço e sobrevivo.
Sei que não há consolo para os perdedores,
Nada.
Nem um simples olhar.
Talvez um tiro de misericórdia.
Nessa cegueira da perda,
Eu me desfiz.
Mas me reconstruí.
Mesmo sabendo que perdi.

O que isso muda?

Perdendo...

Vou vivendo...

A vida sempre vence.

UM HOMEM-PAI

"Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria..." Super Homem (A Canção)

GILBERTO GIL

I

É noite de domingo. Assistio televisão. Na verdade, não tô assistindo nada, só escutando. Meu pensamento não está naquela tela. E ele chega. Chega de um jeito que só ele sabe chegar. Abre a porta do quarto. Ele é engraçado. Ele é ansioso. É nervoso. É alto. Ele é meu guri. Se joga na cama onde estou deitado. Se desequilibra. Os óculos caem: ih, meus óculos caíram embaixo da cama... Vai falando enquanto se agarra em mim pra não cair ele também. Eu o agarro. Quase caio junto com ele. A gente se apoia: um segura o outro. É o meu guri. Aproveito o agarrão e tasco-lhe beijos. Ele quer fugir. Eu o prendo com meus braços. Ele faz cara de nada. Eu me afogo nele. Ele tira a foto. É a foto do dia dos pais. E ele chega. É o meu guri. E abraçado a ele lembro do meu pai. "Pai faz muito tempo que eu quero mandar esta carta pra você... Pra você não, pro SENHOR. O senhor sempre nos ensinou a tratar os mais velhos por SENHOR. Isso é respeito. Pai, quando o senhor me levava para olaria onde o senhor trabalhava. Nós sempre íamos de bicicleta. O senhor me colocava sentado no cano da bicicleta e me deu o guidom para segurar. Eu, um menino, segurando o guidom da bicicleta. O senhor colocava a mão na minha barriga e me segurava para eu não cair. Eu segurava o guidom e guiava as nossas vidas. Eu era tão feliz. Nós dois juntos. O vento quente do Nordeste em nossas peles. *(Pausa)* Hoje, eu sei que na verdade, era o senhor que segurava o guidom. *(Pausa)* Pai, eu tenho saudade do senhor. Eu tenho saudade de tudo. Pai eu sempre lembro que sábado era o dia de fazer as compras. Compras não, feira! Em Pernambuco a gente chama de feira. E quando eu via aquele negão lindo, alto, forte com aquele saco de feira na cabeça, eu achava lindo. O senhor sempre foi um preto lindo, lindo. A gente morava num topo de um morro e tinha uma ladeira bem alta pra subir. Aquele negão lindo com aquele saco branco na cabeça era um gigante. Pai, o senhor era o meu gigante. Lindo. Lindo. *(Numa reflexão)* Pai, o senhor é preto, a minha é branca, o meu tio também é branco *(Pausa)*. Dizem que meu tio nunca foi um homem bonito. Dizem que sou parecido com ele."

PATERNAGEM

No primeiro olhar que te vi,
Você tinha olhos de tudo ver.
Com meu olhar retribui,
Olhos de seremos eu e você!
Teus olhos eram profundidade!
Buscavam caminhos a seguir.
Eu com olhos de possibilidades:
Olhos de... Eu estou aqui.
E a vida seguiu...
Olhando agora pros nossos olhares,
Minha olhada tornou-se, talvez, sofrida.
Olhastes, olhastes... Para confirmares,
Meus olhos de expectativas perdidas.
Teus olhos questionam essa incerteza,
É o olhar curioso dos recém-vividos.
Inundo meus olhos com correntezas,
Não quero esse olhar dos recém-morridos.
Te encaro...
Te vejo...
Concluo!
Nunca mais meus olhos de mortos vivos.
Pra ti sempre olhos de recém-nascidos.
E a vida segue.

PATERNIDADE

Abre pernas,
Abre boca.
Fecha olhos,
Fecha mão.
Encaixa.
Eu.
Você.
Homens.
Mulheres.

Dois.
Fluidos.
É fluxo!
É refluxo.
Secreções.
Explosão.

PARDOS

Pai, um.
Filho, um.
Nós dois.
Pai, preto.
Filho, branco.
Eu, preto filho de branco
Ele, branco filho de preto
Eu sangue preto
Ele sangue preto
Juntos.
Pardo.
Colorido.
Eu, pai.
Ele, filho.
Misturados.

II

Quando meu filho tinha de dois pra três anos de idade... Não. Era uns dois anos de idade. Isso. Dois anos. Eu resolvi ir assistir a um jogo de futebol com ele. Uns amigos alugaram um campo de futebol Society pra fazer um churrasco. Era um sábado por volta das nove horas da manhã. Chegando lá eu vi uma mureta de mais ou menos dois metros... Não. Acho que era um metro e meio de altura. Eu sentei o meu filho naquela mureta e me virei pra pegar uma cerveja. “Alguém me dá uma cerveja?” Quando me virei... Não tinha passado nem vinte segundos: o meu filho tinha caído. Caído da mureta. Caiu em pé. Caiu, mas não chorou. Lembrei de meu tio dizendo pra mim: engole o choro. Rapidamente peguei ele no colo. Passou um tempinho e coloquei ele no chão... Ele começou a ficar cheio de pantim. Pantim, no

Nordeste, é a mesma coisa que frescura. Meu filho ficou nessa pantim das dez horas da manhã até o meio dia. Ficou passando de colo em colo. Colocava no colo, parava de chorar. Colocava no chão, voltava a chorar. Quanto pantim. Eu me irritei e decidi ir pra casa. Chegando em casa, a mãe deu banhinho e almoço. Ele ficou quietinho. Era patim mesmo. Por volta das duas da tarde ele dormiu. Dormiu até às cinco. Quando acordou, coloquei ele no chão para andar e voltou aquele patim. Que saco! E deu cinco e meia, seis horas, seis e meia... E essa frescura, esse patim, não passava. Completamente sem paciência, eu gritei: chega, que menino mimado, vamos levar ele pro hospital. Quando chegou no hospital, o médico disse: põe ele pra andar... Ele tá com a perna quebrada. Fiquei mudo. Parado. Foi só a enfermeira colocar a botinha de gesso nele que o sorriso dele voltou... Ele voltou a sorrir. Meu Deus! Fomos para casa e ainda deu tempo de vermos o último capítulo da novela juntos.

FILHO

A tua nascença, forte.
Respirar.
Sem comoção alguma.
O teu intermezzo, belo.
Duvidar.
Sem entrega nenhuma.
A tua existência, sorte.
Apaixonar,
Sem intenção alguma.
O teu viver, sol.
Amar.
Sem frieza nenhuma.

ASPIRAÇÕES

Como encontrar com um ex-amor?
Não sei!
Sinto o peito suado, pesado, acelerado.
Como ouvir um ex-amor?
Não sei!
Ouço um som rasgado, abafado, guardado,

Como olhar um ex-amor?

Não sei!

Deixo o olho apertado, molhado, salgado.

Como fingir um ex-amor?

Não sei!

Faço um sorriso forçado, encabulado, simulado.

Como esquecer um ex-amor?

Não sei!

Sinto que este amor não acabou.

E não existe ainda um ex-amor.

UM HOMEM-PRETO

“Libertei mil escravos que poderia ter libertado mais mil se eles soubessem que eram escravos”

HARRIET TUBMAN

Carpina é uma cidade do estado de Pernambuco. Está localizada num planalto. Cidade curva. Capital da mata norte. Floresta dos Leões. Karapina no antigo tupi. Karapina, não carapinha... Carapinha é cabelo crespo bem curtinho. Cabelo de negro. Cabelo de Rose, minha irmã. Cabelo que todo mundo dizia que era ruim. Carpina que vem de carpinteiro. Por volta de 1822, um carpinteiro de nome Francisco de Andrade Lima se instalou em Carpina. Na Chã do Carpina. Chã de Cruz. Chã de Alegria. Chã de Alegrete. Chã de Dentro, também conhecido como coxão mole. Chã de fora, coxão duro. Cidade da zona da mata pernambucana. Entre Paudalho, Lagoa do Carro e Lagoa de Itaenga. Cidade da casa de Amâncio que fica na Rua da Roça, no bairro Santo Antônio, que é longe do bairro do cajá e do bairro novo. Casa com quatro cômodos e onde morava Amâncio, meu tio, que nunca se aceitou preto nem gay, Ronaldo, filho mais branco de Branca. Rosalba... Rosalva, minha irmã, filha mais preta de Branca. Vôa, minha avó, que pariu dezesseis filhos, mas que só quatorze vingaram... Quatorze não, treze, já que um morreu com a boca rasgada de tanto chorar. Minha avó foi pra roça e deixou o menino na rede, quando voltou ele estava morto e com a boca rasgada. Coitado, morreu de tanto chorar. Fernandes, meu avô, que tinha uma sara morreu na perna. Abraão, meu tio, que junto com a minha eram os únicos ruivos numa família que só tinha gente morena, nunca preta. David, meu tio, que tinha pano branco no corpo inteiro causado por uma ameoba que morava no intestino dele. Eliane, uma agregada, que pela manhã se arrumava todinha e cantava “Manhãs de Setembro” da Vanusa e que fugiu pra São Paulo abandonando em Carpina dois filhos pequenos. Eu fui reencontrá-la, uma vez, em São Vicente. Estava muito mudada: não tinha um dente na boca. Carpina, cidade da casa Amâncio, na mesma Rua da Roça, no mesmo bairro Santo Antônio que ainda é longe do bairro do cajá e do bairro novo. Casa de Rose que hoje tem oito cômodos e onde mora Rose, minha irmã, que já foi Rosalba... Rosalva. Rayanny, minha sobrinha, que é uma advogada que vive lutando com a balança. Heloísa, minha sobrinha neta, que tem déficit de atenção. Luciano, marido de Rose, que dirige uma Kombi, que é conhecido por Rato e que ao acordar, também canta “Manhãs de Setembro” da Vanusa.

PELE NEGRA-PRETA.

Minha presença é letra, é negra.

Sou também teu alimento.

Às vezes sou treta. Sou preta.

E teu vazio aposento.

Faceta. Careta

Você não alcança o entendimento.

Resolvo:

Traduzir a letra-negra.

Esclarecer a treta-preta.

Mas você não me aceita.

Entre nós tem minha pele negra-preta.

PRETOS FILHOS DE BRANCA MÃE

Eu, Ronaldo,

Dessa cor descorada.

Descolorida. Colorismo.

Avoada. Rasurada.

Minha mãe, Raquel,

De brancura alvorada.

Meio ruiva. Meio nada.

Dolorida. Autoritarismo.

Meu pai, sem nome,

De negrura a florada.

Pele preta, retintada.

Definida. Mimetismo.

Minha irmã, Rosalva,

De pretura aprimorada.

Negra pele. Bem corada.

Banida. Sincretismo.

DO DE DENTRO DE MÃE BRANCA TAMBÉM NASCE PRETO

Deus...

Eu tenho...

Pele preta.

Curtido lá no de dentro...
Pés meio achatados.
Fornidos lá no de dentro...
Lábios grossos.
Definidos lá no de dentro...
Dentes brancos.
Nascidos lá do de dentro...
Olhos castanhos.
Criados lá no de dentro...
Cabelos crespos.
Reunidos lá no de dentro... Deus...
Tudo em mim veio...
Do de dentro de uma mãe branca.
Deus...
Tudo em mim é preto.
Tudo nela é branco.
Deus...
Em mim, a pretura!
Nela, a brancura!
Em nós, a diversidade.
Em nós, a diferença.
Tá tudo certo.

NÓS, NORDESTE

Rosto preto sobre azul
Celeste.
Lábios grossos pra te beijar
Quisestes!
Dentes brancos eleva o preço
Dissestes!
Pele negra e quente sobre tu
Obtivestes!
Nariz largo pra te cheirar
Investe!
Olhos pequenos de adereço

Nordeste.
Eu,
Rosto preto
Lábios grossos
Dentes brancos
Pele negra
Nariz largo
Olhos pequenos
Tu,
Celeste
Quisestes
Dissestes
Obtivestes
Investe
Nós,
Nordeste!

ARREMESSO

Eu, mãos arremessadas sobre a cidade sozinho, solitário, pleno, íntegro, preto.
Eu, olhar lançado pra saudade,
Anchinho, libertário, veneno, negro, preto
Penso
Preto, preto, preto, preto, preto, preto
Concluo
Pleno, pleno, pleno, pleno, pleno
E reitero
Negro, preto, azulão, negro, pleno, coração

FLUTUAÇÃO

Pé a flutuar no ar, pedaço, jogado.
Termo.
Pretume a se mostrar, bundaço, largado.
Estafermo.
Pé a me levar, descalço, armado.
Blasfemo

Pretume a se lançar, realço, borrado.

Enfermo.

Reflito

Pretume, pedaço, pé, descalço...

E grito

Blasfemo, estafermo, enfermo...

E ponho termo!

UM HOMEM-GAY

“Eu quero sair. Eu quero falar. Eu quero ensinar o vizinho a cantar.”

Manhãs de Setembro de Mário Campanha

Imortalizada na voz da VANUSA.

I

Tudo começou no carnaval de 2018. Foi entre supinos, esteiras e treinos de bíceps e tríceps. Eu olhei e lá estava aquele homem de shortinho, camiseta regata e certo ar de leveza e delicadeza. Eu não tive dúvidas, abordei-o. Me passa seu telefone que preciso falar com você. Falei rápido, sem titubear. Confesso que ao olhá-lo mais de perto percebi que não ele não era tão alto, mas eu também não sou. Ele me deu o telefone. Gravei na agenda meio trêmulo. Mandei a primeira mensagem e recebi como resposta: eu tô aqui para cuidar de você. Eu vou cuidar muito de você. E começou. Ele sempre lá cuidando de mim. “Sabe que você ficaria bonito de barba? Mas eu nunca usei barba. Tenta. Você vai ficar bem bonito.” E depois desse diálogo, comecei a deixar a barba pela primeira vez. Ele, sempre carinhoso, vai me mostrando caminhos, vai deixando claro o seu amor. “Deixa teu cabelo crescer. Vai ficar um gato!” E deixei meu cabelo crescer. “Tá lindo de cabelo grande” ele sempre diz isso todas as manhãs. Um dia um telefonema: “vou passar na tua casa sábado cedo e vamos ao salão tá?” Antes do salão me levou para tomar um café preparado pela mãe dele. Ele agendou a hora no salão: sai com o cabelo alisado pela primeira vez na vida. “Você precisa se alimentar melhor. Comer proteínas. Deixa que eu cuide da sua alimentação.” E tem sido assim: ele com seus cuidados que me gratifica e eu retribuindo com sorrisos e dedicação. Foi meu primeiro e único amor de carnaval. E todo dia 05 eu deposito a paga: ele é só meu personal training.

CANIBALISMO

Todas as manhãs, o pão na chapa que você adora.

Regularmente, a buchada de bode que você ama.

Dia sim, dia não, o cuscuz com leite que te alimenta.

Semanalmente, a feijoada de caldo grosso que você pede.

Quinzenalmente, a macaxeira com charque frita que te lembra a infância.

Mensalmente, o inhame com manteiga de garrafa que você amassa.

Você foi comendo tudo...

O pão na chapa...

A buchada de bode...
O cuscuz com leite...
A feijoada de caldo grosso...
A macaxeira com charque frita...
O inhame com manteiga de garrafa...
De tudo você comeu...
De quase tudo você comeu...
Faltou o prato principal:
EU!

SUGAR DADDY

Roça-me!
Esfrega.
Recebes meu intumescimento.
Beija-me!
Xumbrega.
Buscas alto sortimento.
Lambe-me!
Descarrega.
Queres só divertimento.
Come-me!
Segrega.
Desejas caro pagamento.
Esfrego-te!
Beijo.
Sou teu fundamento.
Congrego-te!
Roço.
Penso só em casamento.
Descarrego-te!
Como.
Tenho real sentimento.
Segrego-te!
Lambo.
Amo meu envelhecimento.

II

Match! Era um aplicativo de relacionamentos. Qual deles mesmo? Não lembro. Queria apenas diversão. Aplicativos são pra isso não? Ele parecia não querer nada. Nem diversão. E assim foi: conversas monossilábicas. Ih desse mato não sai coelho. Objetividade please. Papo vai, papo vem, e minha objetividade virou grosseria. Às vezes, muitas vezes, sou grossa mesmo. Haja paciência. Decidi: darei mais uma chance. Surpresa! As coisas evoluíram do virtual pro real. E foi ótimo. Repetia pra mim mesma: foi só um encontro baby! Acordo. Olho o whats. "Bom dia. Foi ótimo. Quero te ver novamente". Boquiaberta: meu Deus, tá querendo me ver de novo? Será? Pensei. E foram três meses de finais de semana juntinhos. Um dia, ele diz: "vou te apresentar aos meus amigos". É sério mesmo Brasil? Acredito nisso? Sei não viu. Isso é pra me zoar. Será que caio? Tomada por estes pensamentos, aceitei. Seria um Jantar. Chego ao restaurante e, apesar da temperatura baixa, senti a testa molhada de suor. Sequei com as mãos. Respirei. Entrei. Mesa repleta: umas vinte pessoas. Evitei olhar nos olhos delas. Ergui a cabeça e fixei o olhar num prego que vi na parede a frente. Montei o sorriso... Ouvi a voz feliz dele: "pessoal, olha quem chegou". Olhares. "Apresento a minha namorada. Ela é minha namorada!" Ao ouvir "minha namorada" tudo parou: eu, as pessoas, o trânsito, a rua, a cidade, o mundo, a vida. Estática. Choque. Pausa. Um foco de luz azul: do nada, surge ali na minha frente, Maria Bethânia. Descalça, cabelos soltos, microfone dourado e vestido amarelo. Meu Deus - pensei - até a Maria Bethânia está aqui? Introdução de uma música: ela pega o microfone, olha pra mim e fala: "amei como toda a gente, mas para toda a gente isso foi normal e instintivo, e para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo..." Reconheço: é o poema Passagem das Horas do Fernando Pessoa... Imersa em pensamentos não percebo o súbito sumiço da Maria Bethânia. Assim como chegou, ela se foi... Sinto um calor. É a mão dele me tirando dessa estática: "ELA É A MINHA NAMORADA". Rio amarelo e sento à mesa. Recebo uma taça de vinho. Pra uma travesti, se perceber sendo AMADA, ainda é uma exceção.

NUNCA NAMOREI, NUNCA

Luzes indiretas...

Lugares de apertos e abraços...

Meu café da manhã eu mesmo faço.

Beijos intensos...

Carícias ardentes...
Meu café quem liga se frio ou quente.
Bosques e campos para acampar...
Sentir os corpos bem coladinhos...
Meu café também é bom sozinho.
Encontrar alma, sexo, corpo...
Viver junto toda companhia...
Meu café é forte e pago em dia.
Sorrir mostrando os dentes...
Finalmente namorar...
Meu café agora é pra acompanhar:
Pão, torrada, manteiga e açúcar,
Mesa suja, sem glamour, espelunca.
Nunca namorei, nunca!

MIRASSOS

Eu tô lendo paixão
É uma molecada?
Cagaço.
Eu tô tendo atenção
É uma roubada!
Arregaço.
Eu tô sendo padrão.
É uma pegada?
Cansaço.
Eu tô tendo carão
É uma sacada!
Disfarço.
Eu tô vendo senão.
É uma enrascada?
Enlaço.
Eu tô tendo ilusão.
É uma pancada!
Abraço.
Eu tô lendo oração.

É uma mancada?

Bagaço.

Eu tô sendo emoção.

É uma virada!

Mirassos.

UMA SAUDADE: VALÉRIO, DEPOIS VALÉRIA!

Aos quatorze anos, lá em Carpina, entrei pra o meu primeiro grupo de teatro. No grupo tinha Valério, depois Valéria, a primeira travesti que convivi. Lembro que fui duramente repreendido pela família por ter ido à praia com Valério, depois Valéria. Por conviver com ela. Aliás, andar com ela pela cidade era algo sempre comentado. Eu, não entendia o que havia demais nisso, pra mim era só um amigo (na época eu não chamava de amiga, porque não sabia, mas hoje eu chamaria de amiga). Valéria me apresentou Maria Bethânia - ela sabia de cor todo o repertório de “Rosa dos Ventos – Show Encantado – por quem logo me apaixonei. Passávamos tardes juntos com Valéria recitando para mim os textos dos shows da Bethânia. Nesse início de teatro, lembro da primeira peça: Morte e Vida Severina. Valéria fazia. Eu fazia. Uma vez, fomos pra um festival em Recife. Não tinha dinheiro, não havia incentivo. A apresentação seria às vinte horas. Tinha um trem que saía de Carpina às cinco da manhã e era de graça. Fomos: eu, Valéria, cenários, figurinos e vários olhares estranhos. Chegamos ao Recife e ficamos aguardando os demais do grupo até às dezenove horas. Passamos o dia em jejum. Com fome mesmo. Não havia o que comer. Valéria dizia: Ronaldo, o que é um dia de fome pra quem vai brilhar a noite no palco? Às dezenove horas chega o grupo e, junto com eles, comida. Eu e Valéria matamos a fome, depois ajudamos a montar cenário e luzes. Apresentamos a peça. Bom, sobre a apresentação? Eu esqueci. Mas do dia junto com a Valéria, nunca. Ela foi fundamental pra minha formação como artista.

NÃO ME TOQUE

Nestes segundos, sem toque.

Nos minutos após, não me rele.

Nas horas posteriores, me evite.

Em dias vindouros, fuja de mim.

Em semanas, desvie-se.

Nos meses seguinte, afaste-se

Mas passado esses tempos
Me abraça
Me beija
Me come
Me pega
Me amassa
Me lambe
Me chupa
Me sente
Me chama de meu amor
Nem que seja de mentira...
Apenas pra que eu não esqueça
O que é tocar.
Eu preciso.
Você também

LÁ FORA, AQUI DENTRO.

Abro os olhos.
Acordo.
Lá fora, as saídas.
Aqui dentro, prisão.
Abro as janelas.
Levanto.
Lá fora, o sol.
Aqui dentro, chamadas.
Abro a torneira.
Respingo.
Lá fora, os machos.
Aqui dentro, desejo.
Abro o açucareiro.
Misturo.
Lá fora, o açúcar.
Aqui dentro, diabetes.
Abro a cafeteira.
Bebo.

Lá fora, os doces.

Aqui dentro, amargura.

Abro o estômago.

Como.

Lá fora, a fome.

Aqui dentro, farturas.

Abro a calça.

Penso.

Lá fora, as paixões.

Aqui dentro, masturbação.

Abro a porta.

Respiro.

Lá fora, o vírus.

Aqui dentro, máscaras.

Abro a mente.

Reflito.

Lá fora, os cemitérios.

Aqui dentro, esperança.

Abro o peito.

Conflito.

Lá fora, os homens.

Aqui dentro, proteções.

Fecho tudo

Olhos, janelas, torneiras, açucareiro, cafeteira, estômago, calça, portas, mente e peito.

Sossego.

Lá fora, as mortes.

Aqui dentro, vida.

JANTAR A DOIS

Do trabalho direto ao mercado.

Risoto? Penso. Prato ideal.

Chardonnay na temperatura exata.

Decido.

Na cozinha, oh Deus, nada errado.

O sabor? Caralho! Ficou surreal.

Olho a mesa... Está de magnata.

Duvido.

Esse prato é bem arretado.

O garfo? Bem... Não é assim... Real.

Tudo pronto. Sem errata.

Comovido.

Espero... Espero... Espero...

Resolvido.

É só pra mim.

Como... Como... Como...

Isso nunca será o fim.

UM HOMEM-POETA

“É a solidão que inspira os poetas, cria os artistas e anima o gênio.”

HENRI LACORDAIRE

Acordo. Dia um ano novo. Abro o olho. Uma luz forte. Ah... Esqueci o pendente aceso a noite inteira. As flores estão murchas: é a primeira vez que compro flores para a mesa do ano novo. Penso: nunca tive o hábito de comprar flores. Lembro que o Felício tinha. Todo sábado, ele, assim como "Mrs. Dalloway, decidia que iria ele mesmo comprar as flores". E comprava sempre no mercado municipal de Santos. Hoje, nem ele, nem Mrs. Dalloway poderiam comprar. Flores não são essenciais. Na verdade, eu não comprei, roubei num jardim que tem aqui perto de casa. Uma tosse me sacode o corpo. Dor de garganta. Esqueço Felício, Mrs. Dalloway e as flores. Lembro do antibiótico e que preciso ver o resultado do teste de COVID. Acesso o site: negativo. Pego uma xícara de café. Sinto preguiça desse recomeço. Cansaço. Um novo ano para tentar de novo: pra fazer diferente o que deu errado e igual o que deu certo. Sério este pensamento? Lembro que tive que mentir pra poderem aceitar meu sangue: doei pela primeira vez em dezembro do ano que passou. Quero virar doador. Os estoques do sangue tipo O estão baixíssimos. "Moça meu sangue serviu? Sim! E muito. Seu sangue salvou vidas..." Então por que vocês quase me fizeram desistir de doar no dia que fiz a entrevista? Uma dor súbita na cabeça. Não é na cabeça. São nos olhos: eles estão ardendo. Sem que eu possa controlar eles vertem água: choro. É incontrollável. Soluço. É choro de recomeço. O pendente continua aceso. As flores estão murchas. Cansado desse eterno recomeçar. É preciso parar este choro. Tem os planos para o ano novo. Tem a vacina. Os projetos de teatro. O colágeno. Os exercícios físicos. O retardo do envelhecimento. Tem o transtorno. Sou trazido ao hoje por uma chuva que começa. Forte. É chuva de recomeço. Tô cansado desses recomeços. Surpreso, vejo que a chuva é vermelha. Seria meu sangue? Ela vai avermelhando tudo: sol, calçada, ruas, a roupa que está no varal, as pessoas, os carros, meu corpo e a louça que está na pia. Tá tudo vermelho, menos o pendente que continua aceso. As flores, molhadas pela chuva vermelha, já não estão murchas. Decido: recomeçar é preciso. Sabe de uma coisa, este ano, serei eu mesmo que irei comprar as flores.

GENOCIDA

Leio diariamente a palavra genocida.

Pesquisei no Google.

Raphael Lemkin: advogado judeu polonês.

Ele me esclarece o que é genocídio.

Pego a palavra grega génos.

Famílias. Tribos. Raças.

Junto caedere que vem do latim.

Matar.

Matar famílias, tribos, raças.

Genocídio!

Permito-me a interpretação.

Causar danos graves à integridade física ou mental.

Submeter a condições de existência sub-humanas.

Destruição de famílias e lares.

Genocídio!

Mais de 390 mil mortos.

38,1 milhões de invisíveis.

09 milhões de desempregados

05 milhões a mais na pobreza.

Genocídio!

Saiba, portanto, soberano detentor da faixa presidencial.

Que para o senhor, a lógica perfeita é:

Farinha pouca, meu pirão primeiro.

Genocídio!

PERCURSO

Vivo agora de fase em fase

Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul.

Apático!

Vivo agora de quase em quase

Vermelho, laranja, amarelo, verde e azul.

Estático!

Hoje está tudo vermelho

Fique dentro de casa!

Asmático!

A alma? Prende no espelho.

Fique dentro de casa!

Hepático!

Ontem era tudo laranja

Siga os quarenta por cento!

Reumático!

Livre? Só frango de granja.

Siga os quarenta por cento!

Lunático!

Antes de ontem foi amarelo

Das seis às vinte e duas. Aceite!

Antipático!

A alma? Está virando farelo.

Das seis às vinte e duas. Aceite!

Didático!

APARÊNCIA

Da tenra infância à adolescência.

Beleza...

Sempre demitida!

Da adolescência a crise dos trinta.

Boniteza...

Qualidade esquecida!

Depois, a tal vida que começa aos quarenta.

Lindeza...

Expressão desconhecida!

Sigamos com...

A beleza demitida.

A boniteza esquecida.

A lindeza esquecida.

Até que...

Da aparência...

Foda-se a regra estabelecida.

DUPLO

Chegou...

O diretor de operações...

Escreve os contratos.

Atende o pessoal.

Assina o pagamento.

Conspira!

Virou...

O diretor de teatro...

Recria o entreato.

Deslinda o real.

Refaz o depoimento.

Transpira!

Voltou...

O diretor de operações...

Confere os extratos.

Conta todo o vil metal.

Inventaria o sortimento.

Suspira!

Tornou...

O diretor de teatro...

Realiza o abstrato.

Mantém apenas o vital.

Corta o sentimento.

Inspira!

Chocou...

As operações.

Os teatros.

As indagações.

Os fatos.

Sobrou...

As ações.

Os atos.

As refeições.

Os distratos.

Bancou:

De um lado, boletos.

Do outro, sonetos.

Nos dois, o desfecho.

Respira!

CAROÇO

Separo a terrina.

Pego o fubá.

Preciso de leite.

Um pouco de sal.

Fogo brando.

Começo a mexer.

Força.

Mexo. Remexo.

Pelotas. Carochos.

Empelotado. Encaroçado.

É necessário...

Mais leite.

Menos fubá.

Abaixar o fogo.

Tá tudo em demasia ou faltando.

É necessário...

Mais força...

Volto a mexer.

Mais força.

Mexo. Remexo.

Carochos. Pelotas.

Encaroçado. Empelotado.

Olho a terrina.

Não é o angu.

Sou eu!